



UNIVERSIDADE DE ÉVORA
ESCOLA DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA

Mestrado em Arquitectura Paisagista

Relatório de Estágio

**Projectos de Arquitectura Paisagista no Atelier NPK, Arquitectos
Paisagistas Associados**

Miguel Alves Palmeiro Cruz de Carvalho

Orientador:

Professora Doutora Aurora Carapinha

Co-Orientador:

Arquitecto Paisagista José Veludo

Outubro de 2011

Mestrado em Arquitectura Paisagista

Relatório de Estágio

**Projectos de Arquitectura Paisagista no Atelier NPK, Arquitectos
Paisagistas Associados**

Miguel Alves Palmeiro Cruz de Carvalho

Orientador:

Professora Doutora Aurora Carapinha

Co-Orientador:

Arquitecto Paisagista José Veludo

RESUMO

Este relatório procura ilustrar o trabalho mais relevante desenvolvido no atelier NPK, Arquitectos Paisagistas Associados, durante o período de estágio. Para além de uma breve apresentação dos projectos, é também referido o grau de envolvimento e responsabilidades que me foram atribuídas em cada um deles. Conclui-se o relatório com uma reflexão crítica em que se salienta a importância deste período de prática profissional na formação do Arquitecto Paisagista.

ABSTRACT

This report details the most significant work developed during the internship at the NPK, Arquitectos Paisagistas Associados office. Besides a short presentation of the projects in which I was involved, the tasks and responsibilities I was given in each of them are also described. Finally, a critical analysis about the relevance of this internship period in my formation as a Landscape Architect is made.

AGRADECIMENTOS

Desejo expressar aqui um profundo reconhecimento aos coordenadores do atelier NPK, Arquitectos Paisagistas Leonor Cheis, José Veludo e José Lousan, pela oportunidade que me deram de integrar a sua equipa, pelos ensinamentos, pelo diálogo construtivo, pelo estímulo à reflexão e maturação de ideias e à sua concretização em projecto.

Gostaria também de agradecer à Lília, ao Nuno, à Sílvia e à Andreia, que tendo há anos atrás percorrido um caminho semelhante ao meu, da Universidade de Évora à NPK, logo me acolheram como “mais um dos deles” com uma amizade que se foi consolidando e uma profunda interacção em termos de trabalho e também à Inês que na mesma altura integrou a equipa. Ao Apolinário pelos conselhos técnicos na área informática.

À Professora Doutora Aurora Carapinha e ao Arquitecto Paisagista José Veludo por terem aceitado ser respectivamente minha orientadora e meu co-orientador.

ÍNDICE

1. INTRODUÇÃO	7
2. TRABALHO DESENVOLVIDO	9
2.1. CONCURSO DE AQUISIÇÃO DE SERVIÇOS NO ÂMBITO DA ELABORAÇÃO DO PROJECTO DE EXECUÇÃO PARA A CONSTRUÇÃO DO NOVO EDIFÍCIO DO CENTRO DE SAÚDE DA MADALENA, ILHA DO PICO.....	10
2.2. PROJECTO DE ARQUITECTURA PAISAGISTA PARA O TERRAÇO DO COMPLEXO “SKY RESIDENCE II & SKY BUSINESS” – LUANDA, ANGOLA	14
2.3. CONCURSO INTERNACIONAL PARA A ELABORAÇÃO DO PROJECTO DE REQUALIFICAÇÃO URBANA E PAISAGÍSTICA DA QUINTA DA MINA E CIDADE DO SOL, BARREIRO	19
2.4. PROJECTO DAS NOVAS INSTALAÇÕES DO LABORATÓRIO NACIONAL DE INVESTIGAÇÃO VETERINÁRIA – QUINTA DO MARQUÊS, OEIRAS	23
2.5. PASSEIO RIBEIRINHO DO SEIXAL	29
2.6. PROPOSTA DE INTEGRAÇÃO PAISAGÍSTICA DOS PARQUES A NORTE DA BASÍLICA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DE FÁTIMA.....	33
2.7. PROPOSTA DE REQUALIFICAÇÃO URBANÍSTICA E VALORIZAÇÃO PAISAGÍSTICA DO LARGO DA SAUDADE EM VALE DO FORNO, ENVOLVENTE IMEDIATA E PARQUE INFANTIL, ODIVELAS	36
2.8. CONCURSO INTERNACIONAL PARA O PARQUE OLÍMPICO DO RIO DE JANEIRO (RIO 2016) – RIO DE JANEIRO, BRASIL	40
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
4. BIBLIOGRAFIA.....	50
ÍNDICE DE FIGURAS.....	52

1. INTRODUÇÃO

Concluída a licenciatura em Arquitectura Paisagista no ano lectivo de 2008/09, como consequência da imposição da adaptação do currículo do curso de Arquitectura Paisagista ao formato “3+2” de Bolonha, iniciei a frequência do mestrado em 2009/10.

Face à indiscutível importância de implementar a aplicação dos conceitos à prática e de complementar a formação académica com a experiência prática, considerei que seria interessante procurar desenvolver trabalho no âmbito da actividade profissional da arquitectura paisagista, no domínio do projecto, por ser aquele para o qual me sentia predominantemente vocacionado.

Esta oportunidade concretizou-se após um primeiro contacto no final de Outubro de 2009, através de entrevista e apresentação de trabalhos desenvolvidos no âmbito das disciplinas de Projecto de Arquitectura Paisagista e Desenho, no atelier NPK, em Lisboa, de que são responsáveis os Arquitectos Paisagistas Leonor Cheis de Sousa, José Veludo e José Lousan, com cujo trabalho já tinha tido um primeiro contacto aquando de umas Jornadas de Arquitectura Paisagista, realizadas em Évora, no Palácio de D. Manuel. Nessas Jornadas aquele atelier apresentou um estudo sobre a “Portela 2050”, no qual tinham participado com o Arquitecto Nuno Portas, no âmbito da Bienal de Arquitectura.

Logo em Novembro de 2009 fui chamado para iniciar trabalho no atelier.

Após uma primeira semana de integração, em que me foi sugerido consultar os processos dos projectos mais relevantes do atelier, para melhor me familiarizar com o tipo de trabalho aí realizado, comecei a desenvolver pesquisa bibliográfica sobre temáticas que se relacionavam com os estudos e projectos então em curso.

Decorrido este breve período de integração na equipa e na dinâmica de trabalho, começaram a ser-me atribuídas tarefas desde a elaboração de propostas para estudos prévios, com ampla liberdade de concepção, a participações em projectos que já se encontravam em fases mais avançadas, onde era necessário levar a cabo pequenas alterações, desenhar cortes, proceder à modelação do terreno, desenvolver peças

desenhadas com recurso a SIG (Sistemas de Informação Geográfica) nomeadamente análise do relevo ou, simplesmente, acelerar os processos pela inclusão de mais colaboradores.

Em Janeiro de 2011, iniciei então o período de estágio curricular para obtenção do grau de Mestrado em Arquitectura Paisagista, através da elaboração do respectivo relatório.

Uma vez que já me encontrava há mais de um ano a desenvolver trabalho de projecto em atelier, considerei ser esta a forma mais adequada à conclusão do mestrado.

2. TRABALHO DESENVOLVIDO

Considerando que, em face do exposto na introdução, o contacto com a actividade profissional se desenvolveu a partir de Novembro de 2009, numa sequência de crescente participação nos projectos e planos em curso no atelier e no desenvolvimento de propostas para concursos públicos nacionais e concursos internacionais, aquilo que na prática correspondeu ao início do estágio, deu-se efectivamente ao longo de um período que antecedeu a inscrição formal.

Assim, os projectos que se apresentam e descrevem procuram ilustrar a evolução do trabalho desenvolvido desde o início, não havendo propriamente uma etapa que se tenha definido a partir de Janeiro de 2011.

A cronologia de apresentação define as várias etapas, fazendo-se especial referência às actividades que decorreram no atelier a partir dessa data e nas quais estive envolvido em maior ou menor grau.

2.1. CONCURSO DE AQUISIÇÃO DE SERVIÇOS NO ÂMBITO DA ELABORAÇÃO DO PROJECTO DE EXECUÇÃO PARA A CONSTRUÇÃO DO NOVO EDIFÍCIO DO CENTRO DE SAÚDE DA MADALENA, ILHA DO PICO

Apesar deste trabalho ter sido elaborado antes do início do estágio curricular, a sua referência neste documento é indispensável, dado que representa uma importante etapa na minha formação enquanto Arquitecto Paisagista.

Decorrida a primeira semana de adaptação à NPK, relatada na introdução, fui chamado a integrar a equipa do atelier NPK que, em conjunto com a Risco, responsável pela elaboração do projecto de arquitectura destas novas instalações de saúde e pela coordenação geral do processo, desenvolveu a proposta apresentada a concurso.



Fig. 1 – Plano Geral da proposta apresentada a concurso

Neste contexto, à equipa de arquitectos paisagistas coube a responsabilidade de elaborar o projecto de integração paisagística do hospital e respectivo parque de estacionamento, assim como o projecto para os três pátios interiores a que a proposta de arquitectura deu origem.

Uma vez que este processo constituía a minha primeira experiência ligada à prática de projecto em contexto profissional, começou por me ser atribuída a responsabilidade de estudar soluções para os pátios interiores e elaborar as respectivas peças desenhadas.

Tendo-me sido dada uma ampla liberdade criativa, após a análise das plantas, alçados e cortes do projecto de arquitectura, de maneira a compreender as possíveis utilizações que os pátios poderiam ter e a sua relação visual e funcional com o interior do edifício, iniciei o processo criativo. Esbocei então diferentes alternativas que foram depois discutidas com os coordenadores do projecto para aferir as mais-valias que cada uma delas poderia trazer ao espaço e as alterações que deveriam ser introduzidas, ficando assim definido um caminho que levou à elaboração de uma proposta final.

Este mecanismo de abordagem ao projecto e de interacção entre colaboradores e coordenadores foi prática comum ao longo de todo o período em que estive na NPK, onde me foram sendo atribuídas crescentes responsabilidades no desenvolvimento de soluções conceptuais que, depois de discutidas, davam origem às peças técnicas que constituíam o projecto. Assim, a minha formação foi bastante favorecida, pois permitiu-me adquirir uma experiência que, de outra forma, não seria possível

Assim, para o pátio central, mais próximo da área de recepção dos utentes do centro, preconizou-se uma hipótese de acessibilidade materializada num passadiço em betão pré-fabricado que liga ao interior do pátio e que, ao mesmo tempo que cumpre funções de lazer, pode funcionar como atravessamento de emergência. Para este pátio propôs-se uma modelação de forma côncava que origina uma ligeira depressão a cujo ponto mais baixo se contrapõe uma pequena plataforma que deverá funcionar como área de estadia. Esta plataforma de pedra basáltica arrumada procura evocar os tradicionais “maroiços” (pequenos montes de pedra resultantes da despedrega dos campos para cultura) que pontuam a paisagem da ilha e do próprio espaço de intervenção, preservando a memória do lugar.

Dois exemplares de *Ginkgo biloba* pontuam o espaço, sobressaindo da cobertura do próprio edifício e destacando-se do revestimento herbáceo que cobre toda a depressão envolvente à plataforma, ao mesmo tempo que facultam sombra à área de estadia.

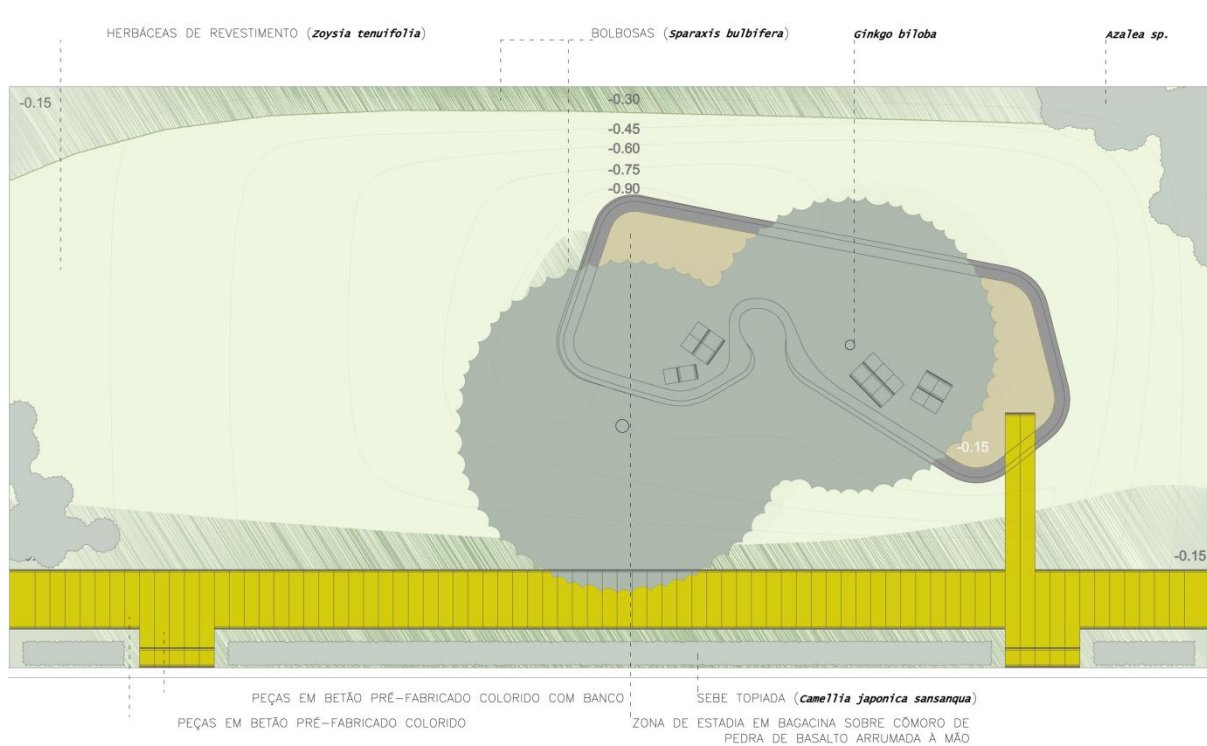


Fig. 2 – Solução desenvolvida para o pátio central

Para os outros dois pátios, que embora separados fisicamente foram desenhados em conjunto, dando uma leitura de continuidade para quem circula no interior, propôs-se que ambos tivessem uma função de carácter contemplativo. Neles, um conjunto de trepadeiras suspensas por cabos de aço, contrabalançados por vasos de latão que não tocam o solo, diluem o efeito de espaço fechado que os caracterizava, uma vez que são de pequena dimensão e com alguma profundidade que resulta de se constituírem ao nível do piso -1.

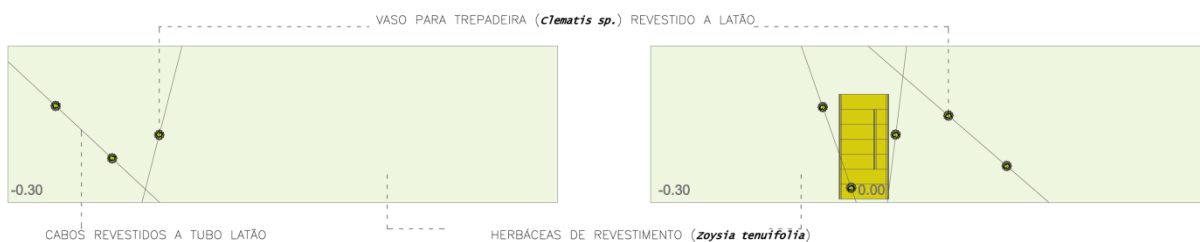


Fig. 3 – Solução desenvolvida para os dois pátios do refeitório

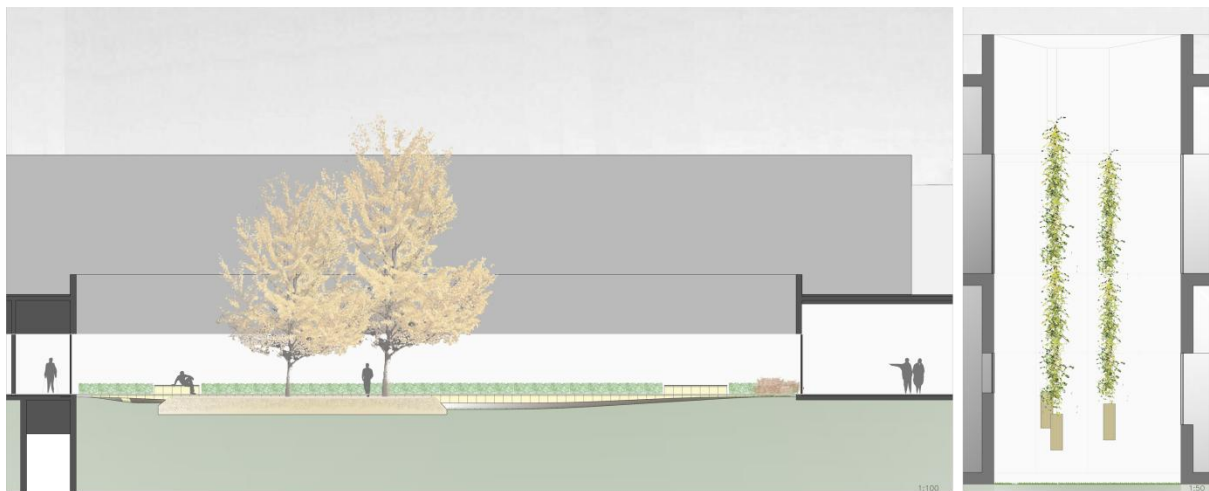


Fig. 4 – Cortes relativos às soluções desenvolvidas para os pátios interiores

Solucionada a questão dos pátios interiores, tanto a nível conceptual como a nível de desenho e de escolha de materiais, pavimentos e vegetação, participei ainda na conclusão do plano geral e na elaboração de alguns dos painéis apresentados a concurso.

2.2. PROJECTO DE ARQUITECTURA PAISAGISTA PARA O TERRAÇO DO COMPLEXO “SKY RESIDENCE II & SKY BUSINESS” – LUANDA, ANGOLA

A par do concurso para o novo centro de saúde da Ilha do Pico, este projecto foi também elaborado no período que antecedeu o início formal do estágio curricular, mas pela sua relevância na minha formação, uma vez que representa o primeiro projecto em que me foram atribuídas maiores responsabilidades, desenvolvendo o estudo prévio e posteriormente o projecto de execução, ao mesmo tempo que constituía a minha primeira participação num projecto internacional, a sua inclusão neste documento torna-se indispensável.

Este projecto destinava-se a um terraço, localizado numa área de cobertura intermédia ao nível de um terceiro piso, sobre o qual se projectavam duas torres de 24 andares, que integravam um complexo habitacional e de escritórios denominado “Sky Residence II e Sky Business” a implantar em Luanda, com o inerente desafio de projectar para um território no hemisfério sul, com clima subtropical, marcado por uma estação seca e uma estação chuvosa, chamada do cacimbo, com temperaturas elevadas ao longo de todo o ano.

A localização privilegiada deste complexo permitia que a partir desse terraço, acessível apenas aos moradores do edifício residencial, se usufrísse de uma vista totalmente desobstruída sobre a baía de Luanda.

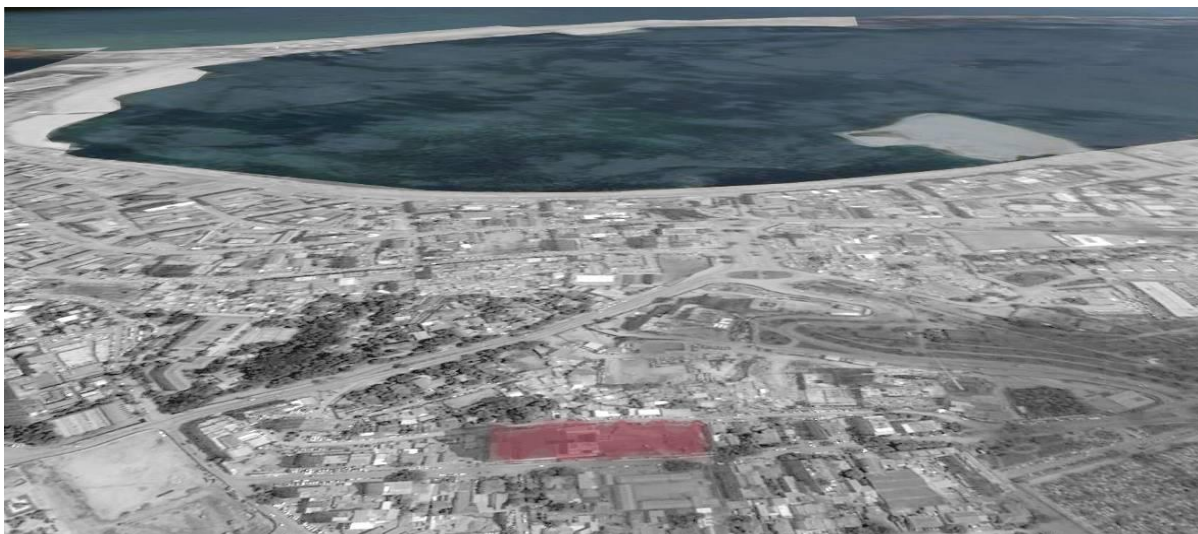


Fig. 5 – Fotografia aérea com a localização do complexo “Sky Residence II e Sky Business” assinalada a vermelho

Depois de analisados os documentos relativos à arquitectura do edifício desenvolvi alguns esboços e, após discussão com os coordenadores, rapidamente se chegou ao que viria a ser a base deste projecto.

Com a proposta apresentada pretende-se que este espaço funcione como uma extensão da habitação e da vida social que lhe está associada, procurando satisfazer as necessidades de diferentes faixas etárias.

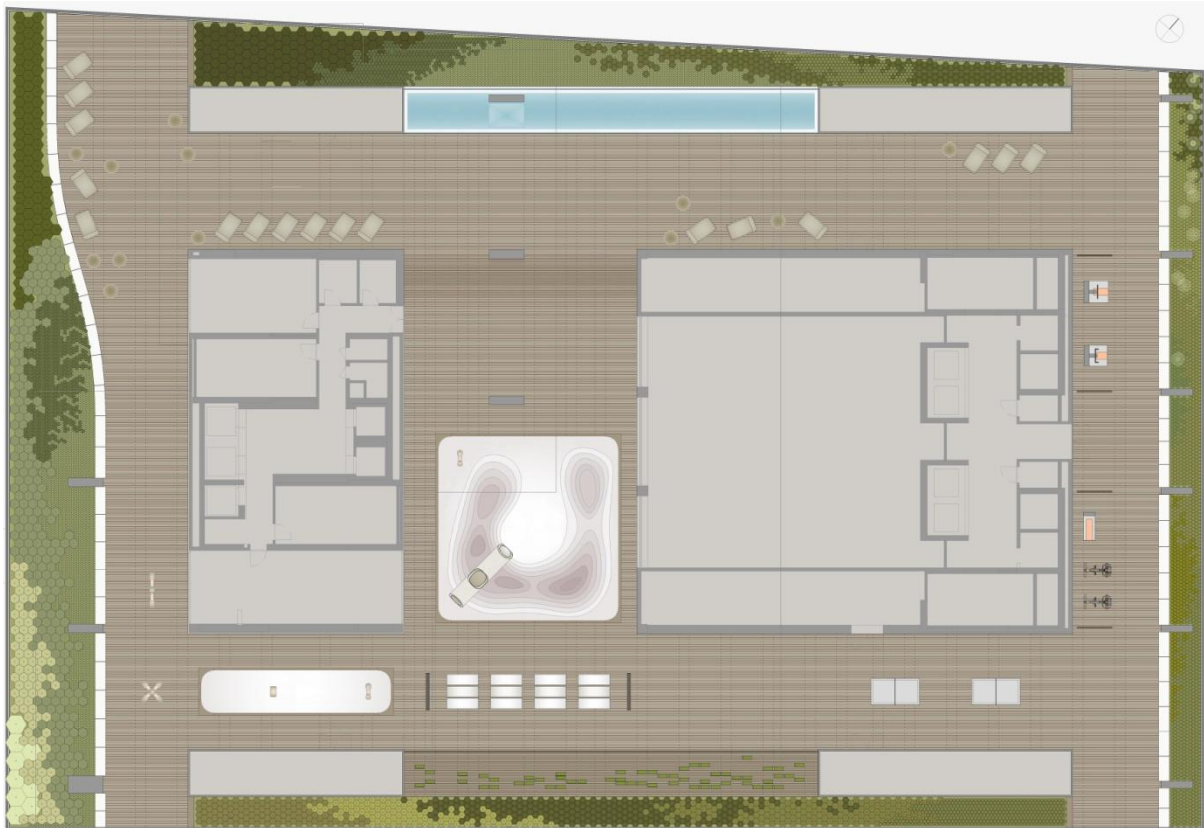


Fig. 6 – Plano geral

Apesar de se ter optado por uma orientação concepcional que aposta num desenho de linhas simples e suaves que procuram transmitir uma sensação de unidade e continuidade espacial, tanto ao nível exterior, como na relação deste com o interior habitacional, foi-lhe atribuída uma multifuncionalidade para cumprir objectivos sociais de convívio, lazer, recreio e contemplação.

Essa unidade e continuidade são conseguidas através de um extenso deck em madeira que reveste grande parte do terraço e se redesenha adaptando-se a funções de banco/floreira e biombo, tirando partido das madeiras de elevada qualidade originárias desta região.

Face à arquitectura dos edifícios e à necessidade de estabelecer espaços amplos que possam conjugar várias funções, optou-se por definir as áreas plantadas na periferia do terraço, onde a vegetação poderia usufruir de maior exposição solar, diluir a presença das indispensáveis guardas de segurança limítrofes, abrir, canalizar ou conter vistas e gerar amenidade (ex. frescura e sombra) e diversidade (ex. variedade de porte, forma, cor e textura).

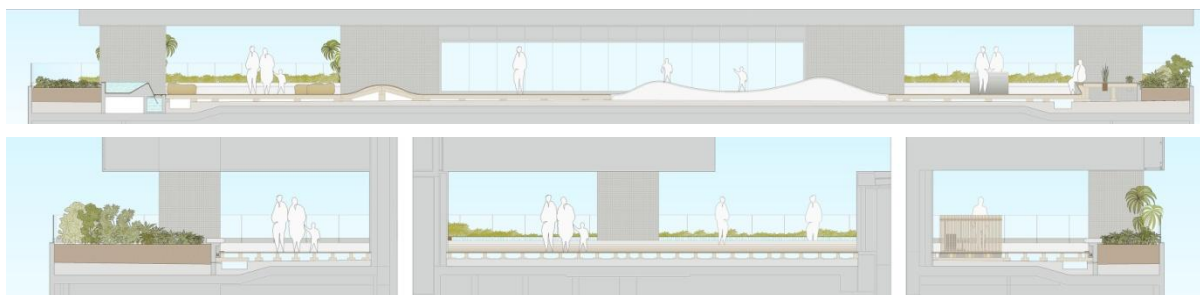


Fig. 7 – Corte transversal e corte longitudinal

Assim, nos limites nordeste e sudoeste, propôs-se, em toda a sua extensão, o estabelecimento de canteiros-banco revestidos predominantemente por herbáceas.

No limite noroeste um espelho de água e vegetação de baixo porte criam uma ampla abertura visual sobre a baía de Luanda, enquanto que no limite sudeste a introdução de vegetação de maior porte define uma barreira que atenua a presença da via de maior intensidade de tráfego que dá acesso ao complexo edificado.

As diferentes valências que se idealizaram para o espaço traduzem-se, a noroeste, numa zona de “lounge” para estadia e contemplação panorâmica sobre a baía, animada por um elemento de água cuja pequena queda de água induz som e movimento, criando uma ambiência de calma e frescura. A nordeste propôs-se uma área vocacionada para desporto, apoiada em equipamentos gimnodesportivos compartimentados por biombos semi-permeáveis que oferecem maior privacidade e conforto aos utilizadores.



Figs. 8 e 9 – Corte relativo à área destinada à prática de actividades desportivas e pormenor construtivo dos biombos para aí propostos

A sul e sudeste e entre os edifícios, num espaço, por um lado mais confinado pelo edificado, e, por outro, mais exposto à presença da via de circulação mais movimentada, estabeleceu-se a área de recreio infantil.

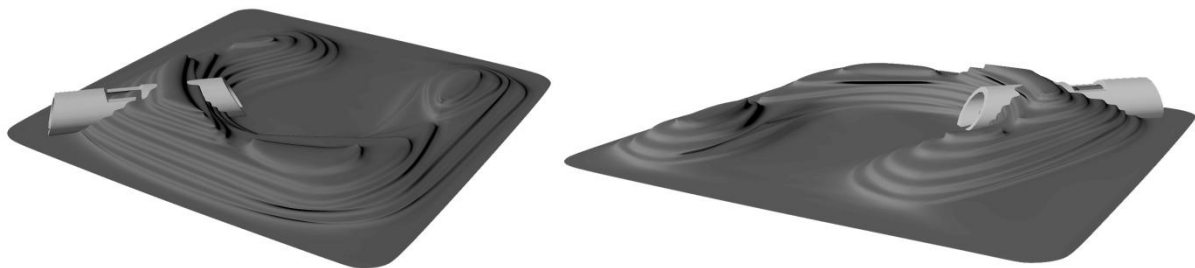


Fig. 10 – Modelo conceptual de uma das soluções adoptadas na área de recreio infantil

Procurou-se assim proporcionar as condições necessárias para que este terraço tenha múltiplas utilizações, como o recreio infantil, festas de aniversário e outros convívios, a estadia ou o desporto individual, entre outros, satisfazendo todas as classes etárias e permitindo que o usufruto de toda a área seja uma experiência de descoberta.

Neste trabalho estive ligado à concepção do estudo prévio e do projecto de execução, tendo colaborado no desenvolvimento das soluções de projecto, na elaboração da memória descritiva e de todas as peças desenhadas que o compõem, à excepção das relativas ao plano de plantação.

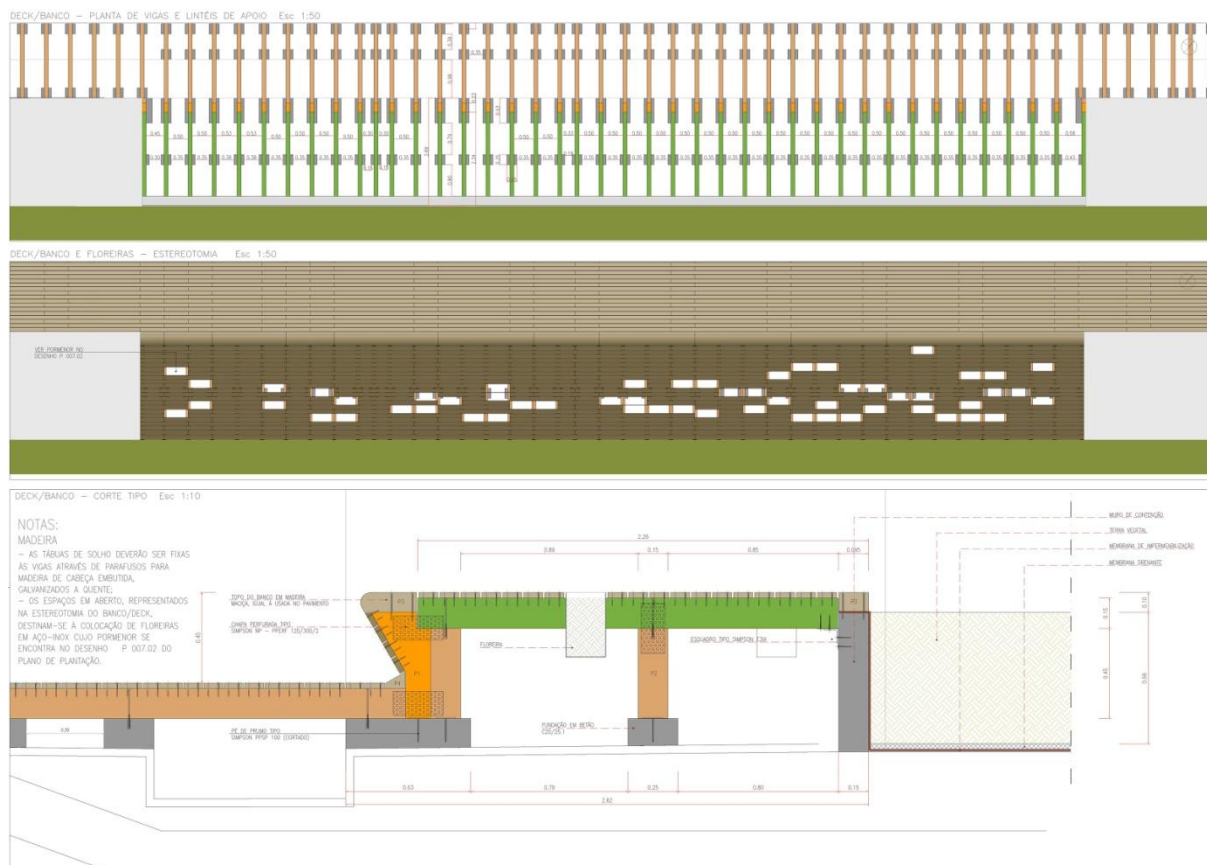


Fig. 11 – Pormenor construtivo do banco com floreiras em madeira proposto para o limite sudeste

2.3. CONCURSO INTERNACIONAL PARA A ELABORAÇÃO DO PROJECTO DE REQUALIFICAÇÃO URBANA E PAISAGÍSTICA DA QUINTA DA MINA E CIDADE DO SOL, BARREIRO

Este foi o primeiro concurso internacional em que participei, embora o local de intervenção se situasse em Portugal.

A área de intervenção deste concurso, que totalizava 30 hectares, incidia sobre dois bairros da cidade do Barreiro: a Cidade do Sol, onde predominavam edifícios com 6 a 7 pisos, construída no final dos anos 70 e a Quinta da Mina, cuja construção se iniciou em 1997, com o intuito de realojar população, na sua maioria, de etnia cigana.

O programa de concurso contemplava a requalificação de todo o espaço público, incluindo ruas, estacionamento e todos os espaços abertos, assim como a implementação de uma aldeia columbófila, uma cafetaria, uma bacia de retenção de água, uma estação elevatória e um parque urbano.



Fig. 12 – Corte relativo à solução proposta para a zona do parque urbano, bacia de retenção de água e aldeia columbófila

A fim de aferir qual o estado de conservação do espaço público e como este era utilizado, os pontos fortes e os fracos dos dois bairros e como este espaço poderia ser requalificado, iniciou-se o processo de análise e diagnóstico durante o qual se efectuaram visitas ao local, se consultaram os documentos fornecidos pela câmara municipal e outros relativos à área em questão. Efectuou-se também o levantamento de todas as áreas permeáveis, em relação à sua dimensão, forma, localização e organização.

Durante esse processo foram identificados como pontos fortes a potenciar: a existência de uma estrutura urbana servida por ruas largas que poderiam receber passeios mais largos, com arborização e ciclovias, reorganizando o espaço destinado à circulação automóvel; a existência de inúmeras áreas permeáveis que, apesar da pequena dimensão, permitiam a sua junção e optimização de modo a promover a infiltração de água no espaço urbano, proporcionando melhores condições de crescimento à vegetação e, ainda, a apropriação de algumas áreas por parte da população que, sendo predominantemente jovem, será tendencialmente mais activa.

Como pontos fracos a anular destacam-se alguns fenómenos de segregação e exclusão, associados a uma sensação de insegurança potenciada pela existência de espaços desqualificados e abandonados.

Assim, apoiada nos conceitos de centralidade, sustentabilidade e renaturalização, identidade, valorização estética e funcional e sentimento de pertença a um lugar, a proposta visa tirar partido das potencialidades identificadas neste local e contrariar os sentimentos de exclusão e insegurança aí presentes.

A implementação destes conceitos no espaço e na comunidade local procura alcançar-se redesenhando o espaço público e dando-lhe novas funções, numa intervenção guiada por objectivos de melhoria da mobilidade no espaço urbano, tanto para os peões como para os ciclistas, da sustentabilidade ecológica e económica das áreas plantadas e da promoção do espaço público como local de encontro, centrado numa praça principal que funciona como pólo de distribuição para todo o espaço.

Essa animação do espaço público será conseguida através de actividades culturais e desportivas ao ar livre e da própria recuperação das áreas degradadas, tornadas atractivas, de modo a fomentar um maior contacto entre as pessoas que aí vivem, imbuindo-as de um sentimento de pertença e respeito a um lugar.

Deste modo, a solução apresentada, além da reorganização do perfil das ruas no que diz respeito aos passeios, áreas plantadas e respectiva arborização, faixas de circulação automóvel, inclusão de percursos cicláveis e do estabelecimento de uma clara hierarquização dos arruamentos destes bairros, inclui ainda a requalificação de espaços

degradados. Estes espaços degradados darão origem a praças multifuncionais capazes de acolher diferentes tipos de utilização, a áreas dedicadas ao desporto com campos e pistas ao ar livre, a parques infantis e a um núcleo formado pelo parque urbano, cafetaria e aldeia columbófila, numa tentativa de reactivar essas áreas.



Figs. 13 e 14 – Cortes relativos ao reperfilamento de um arruamento e à solução proposta para a praça central

Para este processo a minha colaboração, numa primeira fase, esteve ligada à análise e diagnóstico, ajudando à elaboração dos levantamentos relativos às áreas permeáveis e áreas construídas e, posteriormente, na colaboração para o desenvolvimento de soluções para as ruas e avenidas, nomeadamente no estudo dos perfis e também na solução para o parque e bacia de retenção. Finalmente, colaborei no plano geral e no estudo e execução dos cortes que vieram a integrar os painéis apresentados a concurso.

Este projecto representa ainda um novo ciclo para o atelier e para mim no que se refere às técnicas de desenho e representação gráfica, que implicou a aprendizagem e aplicação prática de novos programas nomeadamente o “Adobe Illustrator” e o “Adobe InDesign” assim como o aprofundamento dos conhecimentos relativos ao “Adobe Photoshop”, possibilitando uma significativa melhoria da qualidade gráfica dos documentos elaborados uma vez que, além da qualidade técnica das soluções apresentadas a concurso, a forma como estas são transmitidas é determinante na sua assimilação por parte do júri e das pessoas que os projectos procuram servir.



Fig. 15 – Plano geral da proposta apresentada a concurso

2.4. PROJECTO DAS NOVAS INSTALAÇÕES DO LABORATÓRIO NACIONAL DE INVESTIGAÇÃO VETERINÁRIA – QUINTA DO MARQUÊS, OEIRAS

Quando integrei a equipa de arquitectos paisagistas que, em conjunto com o gabinete de arquitectura liderado pelo arquitecto João Lúcio Lopes, elaborou o projecto para as novas instalações do Laboratório Nacional da Investigação Veterinária, o estudo prévio já se encontrava concluído, uma vez que essa fase coincidiu com um período durante o qual não me encontrava no atelier.

Estas instalações serão implantadas num pequeno planalto, situação morfológica que confere uma posição de domínio sobre a paisagem envolvente e, conseqüentemente uma ampla bacia visual. Neste espaço encontra-se hoje um conjunto disperso de edificações, nomeadamente barracões para armazenamento de maquinaria agrícola, pequenos edifícios e um depósito de água, incluídos actualmente na Estação Agronómica de Oeiras que é parte integrante da Quinta do Marquês de Pombal.

Esta quinta de recreio e histórica encontrava-se simultaneamente ligada às actividades agrícolas e lúdicas e representa um exemplo significativo da arte paisagista e dos jardins do séc. XVIII em Portugal. Na segunda metade do séc. XX, a quinta foi fraccionada nas Quintas de Baixo e de Cima, tendo a última sido comprada pelo Estado e nela veio a ser instalada a Estação Agronómica Nacional.



Fig. 16 – Fotografia aérea com delimitação do local de intervenção (fonte: Bing Maps)

Como elementos referenciais da paisagem na sua envolvente imediata, importa referir: a nascente um pequeno bosquete, onde predominam o Zambujeiro e o Pilriteiro, que reveste a encosta virada para a várzea da ribeira da Laje e, a poente, os alinhamentos de oliveiras que ladeiam um caminho que dá acesso à área de intervenção, à qual se segue uma série de parcelas de vinha. Destaca-se ainda o percurso pedonal que conduz à Casa de Pesca e à Cascata dos Gigantes, elementos classificados como monumentos nacionais e a nordeste a antiga “Estrada Real” que fazia a ligação entre Lisboa e Cascais.

Dado que o estudo prévio já havia sido entregue, a minha colaboração neste projecto esteve ligada à proposta a apresentar para a cobertura do edifício a construir para o Laboratório Nacional de Investigação Veterinária, o qual substituirá grande parte do conjunto de edificações dispersas anteriormente referidas, e ao desenvolvimento dos trabalhos necessários à elaboração de um projecto base.

Assim, relativamente à área envolvente do edifício, onde se procura promover a sua integração na paisagem, a minha intervenção esteve mais relacionada com o aprofundamento das soluções preconizadas no estudo prévio, com resolução de questões técnicas e alterações pontuais à proposta que, na sua maioria, resultaram de pequenas modificações no projecto de arquitectura.



Fig. 17 – Plano Geral apresentado no Projecto Base

Deste modo, colaborei na definição dos materiais e pavimentos a aplicar, nos esquemas de drenagem, no aprofundamento de soluções relacionadas com a vegetação, com os muros e modelação do terreno, no desenvolvimento de pormenores construtivos e na elaboração das peças desenhadas a entregar. Como tal, este processo foi extremamente enriquecedor do ponto de vista técnico.

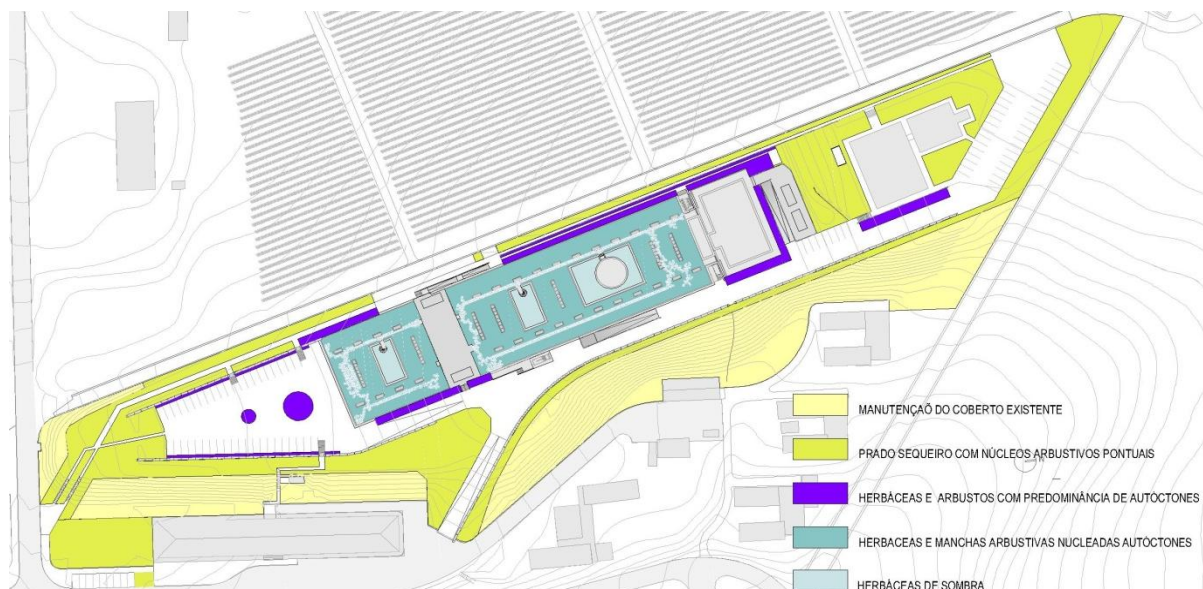


Fig. 18 – Sistematização de revestimentos orgânicos

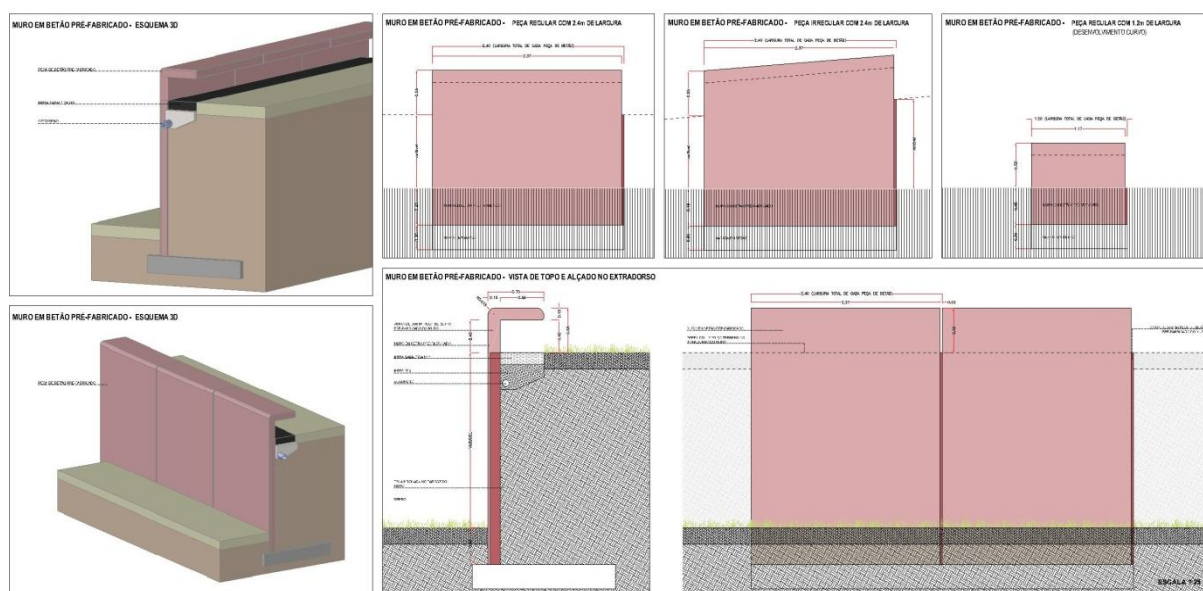


Fig. 19 – Pormenores construtivos dos muros do parque de estacionamento

Já no que diz respeito à cobertura do edifício, o processo, além da importância da componente técnica, foi também bastante estimulante do ponto de vista criativo e

conceptual, uma vez que se pretendia adoptar uma solução diferente daquela que tinha sido definida no estudo prévio e, aqui, ao contrário do que acontecia na área exterior ao edifício, as alterações não implicavam mudanças significativas ao trabalho das restantes equipas envolvidas no processo. Além disso, algumas das alterações introduzidas na estrutura do edifício tornavam a anterior solução desadequada.

A opção pela proposta de um jardim de cobertura, para além do cumprimento de funções estéticas, lúdicas e de manutenção, visa também alcançar uma significativa melhoria do conforto climático do interior do edifício, o que poderá contribuir para a redução de gastos energéticos com a climatização.

Para desenvolver uma nova proposta para a cobertura, começou por se estudar a altura da caixa de plantação a implementar, uma vez que esta era determinante na definição do tipo de vegetação a propor e, conseqüentemente, no tipo de solução a adoptar.

Optou-se por uma caixa de plantação com 0,50m de profundidade por ser aquela que apresentava a melhor relação entre as vantagens e desvantagens de uma cobertura “verde”, isto é, apresentava uma sustentabilidade elevada, permitindo a instalação de vegetação arbustiva de médio porte, ao mesmo tempo que não exigia um reforço da estrutura do edifício de modo a suportar o seu peso, reduzindo por isso os custos de implementação que uma caixa de plantação mais profunda teria.

Após a definição da altura da caixa de plantação, foram então ensaiadas várias soluções para a cobertura do edifício, umas com áreas plantadas mais extensas, outras com maiores áreas pavimentadas, umas com um desenho de carácter mais orgânico, outras de carácter mais geométrico, mais ou menos regulares e com recurso ou não à modelação do terreno.

Ao mesmo tempo que este processo decorria, chegavam novas plantas relativas à arquitectura que acabaram por limitar as soluções possíveis, uma vez que uma questão aparentemente menor, que não estava definida na fase anterior, acabou por inviabilizar muitas das hipóteses ensaiadas, já que as chaminés dos laboratórios que lhe estavam subjacentes acabaram por se revelar como um elemento de destaque que encurtava o espaço disponível pelo seu elevado número, localização e ritmo que impunham.

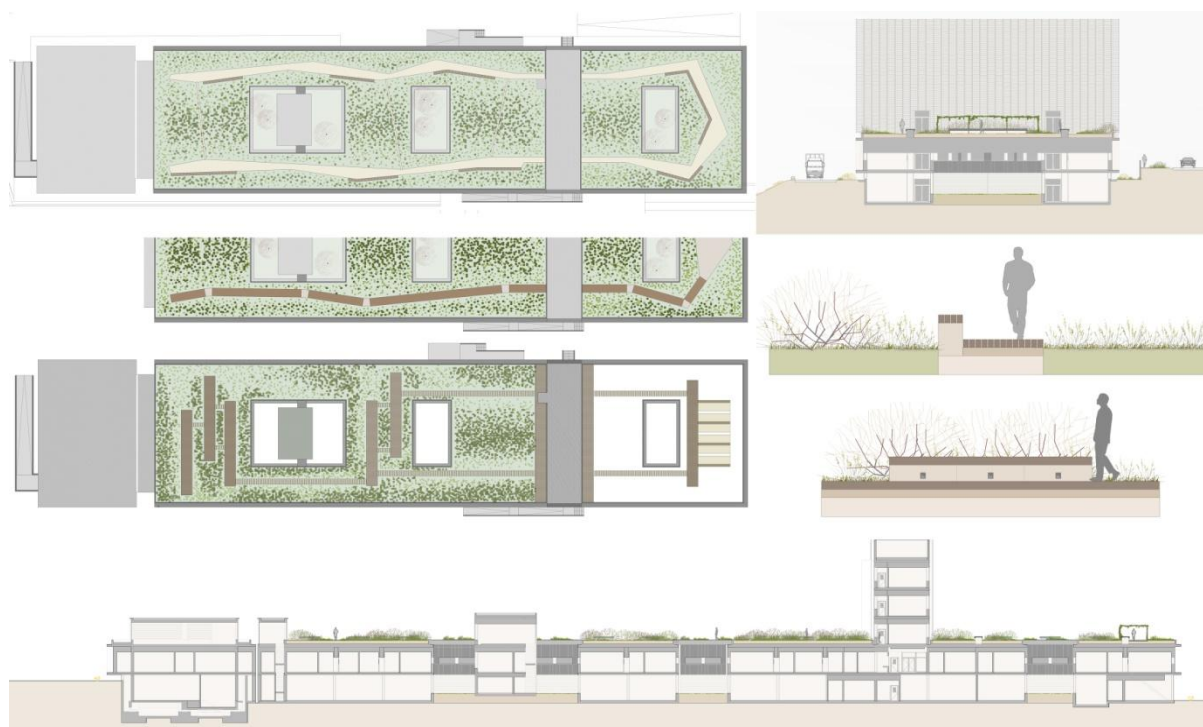


Fig. 20 – Exemplos de soluções ensaiadas para o jardim de cobertura

Chegou-se assim a uma proposta em que o jardim de cobertura é concebido com o propósito, não só de ser observado, mas também de ser usufruído fisicamente, dotando-o para isso de pequenos percursos assentes em peças de betão modulares que permitem gerar diferentes ambiências.

A vegetação assume-se aqui como um instrumento fundamental na construção do espaço, pela forma como faculta protecção contra os ventos e o pelo encaminhamento das vistas para as áreas de maior interesse, como origina diferentes espaços, definindo ora áreas mais confinadas, ora áreas mais abertas e também pelos aromas, texturas e cores que oferece, introduzindo uma maior complexidade num espaço que, de outra forma, apresentaria um carácter árido, monótono e pouco convidativo para os seus utentes.

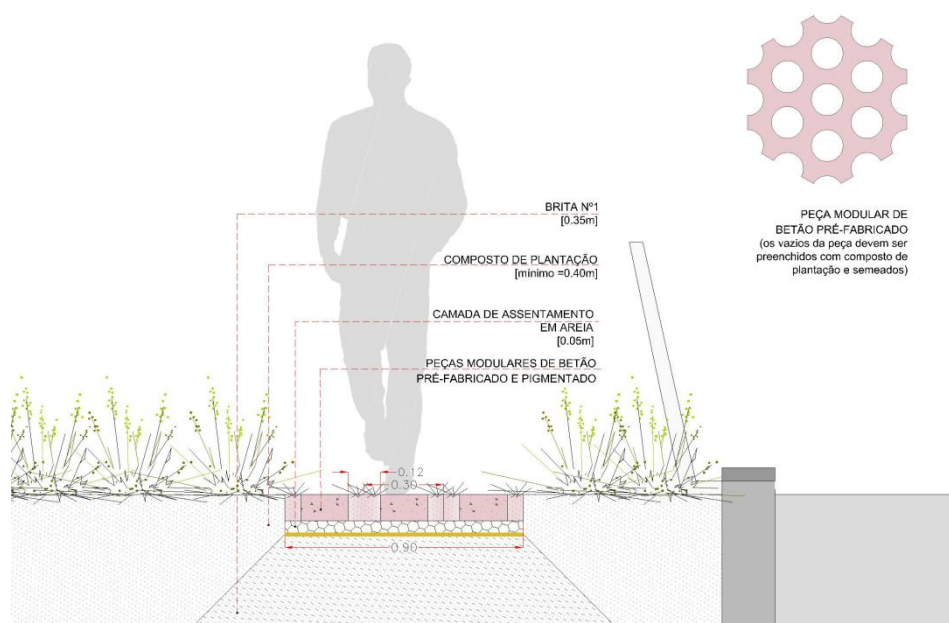


Fig. 21 – Pormenor construtivo dos módulos em betão pré-fabricado a aplicar no jardim de cobertura

Uma particularidade deste processo foi a necessidade de entregar uma maquete relativa ao edifício e respectiva cobertura, situação cada vez mais rara, mas que traz vantagens, quer para o cliente quer para o projectista, já que permite ter uma noção tridimensional daquilo que se está a propor, facilitando a detecção de erros e uma afinação mais rigorosa da solução que se apresenta.



Fig. 22 – Maquete entregue no Projecto Base

2.5. PASSEIO RIBEIRINHO DO SEIXAL

Este projecto corresponde ao segundo projecto de execução em que participei durante o período em que estive no atelier NPK e onde, tal como sucedera com o projecto de integração paisagística das novas instalações do Laboratório Nacional de Investigação Veterinária, o estudo prévio já se encontrava concluído aquando da minha entrada no processo e já haviam sido definidas as principais orientações a seguir neste projecto.

No entanto, este processo apresenta diferenças consideráveis, não só por neste caso se tratar de um projecto de execução e não de um projecto base, o que desde logo implica um maior grau de detalhe na resolução de questões técnicas mas, também, porque neste projecto o desenho do espaço público, ficou a cargo do gabinete de arquitectura Risco.

Apesar desta aparente condicionante, a equipa de arquitectura mostrou grande abertura às opiniões da equipa de arquitectura paisagista que assim veio a ter um papel determinante no desenho do espaço público



Fig. 23 – Fotografia aérea com delimitação da área de intervenção a cores (fonte: Google Earth)

Com este projecto, que surge no âmbito de um programa de Requalificação da Frente Ribeirinha do Seixal, procura-se estabelecer uma continuidade espacial mais eficiente entre a marginal e o núcleo antigo, dotando este espaço de um percurso com sombra e de espaços abertos de recreio e lazer para melhor usufruto da população.

Deste modo, na zona mais a sul da área de intervenção, a alteração do traçado da avenida 1º de Maio, para nascente, permitirá o estabelecimento de uma área plantada de maiores dimensões junto à margem esquerda do Tejo.

Para esta área propõe-se a plantação de uma pequena mata ribeirinha, composta por espécies autóctones como os freixos, amieiros, choupos e salgueiros, completada por uma sebe de arbustos bem adaptados às condições edafo-climáticas do local, assente numa modelação que origina um espaço em forma de concha voltada para o rio. O principal objectivo desta modelação foi procurar reduzir o impacte da circulação automóvel na avenida e gerar áreas com sombra, convidando à utilização deste espaço para fins lúdicos.

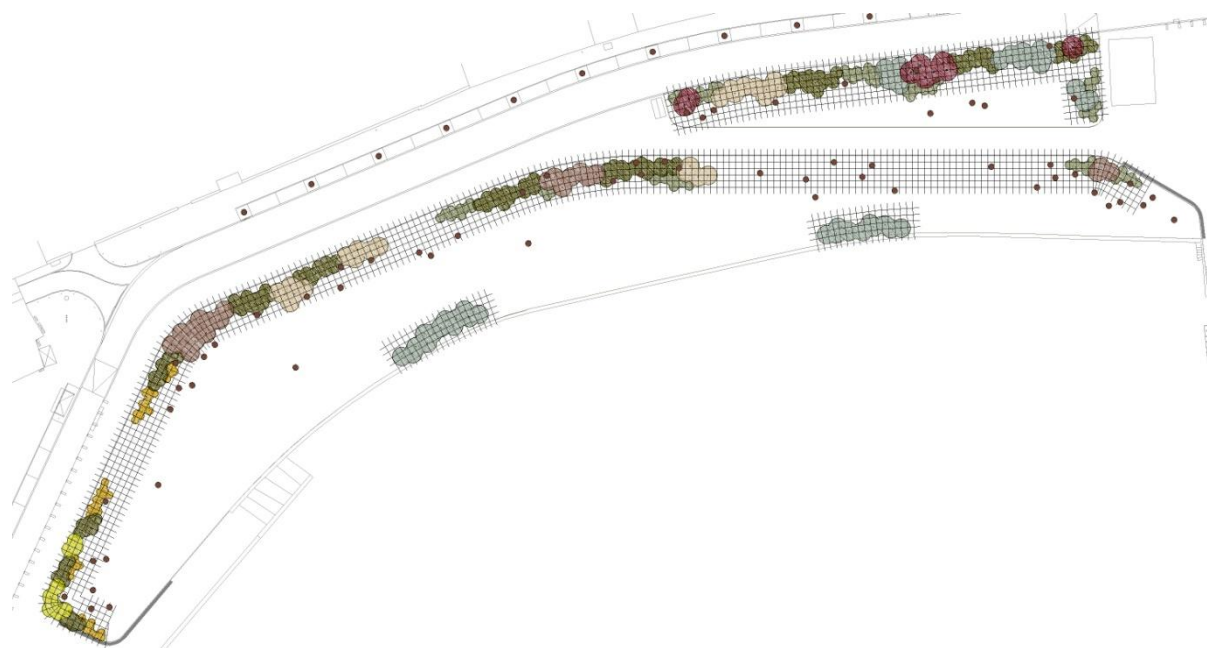


Fig. 24 – Plano de plantação (arbustos), zona junto à Avenida 1º de Maio

No que diz respeito ao parque infantil, foram ensaiadas diversas soluções onde se procurou sempre aproveitar a arborização existente. Além da manutenção de grande da vegetação arbórea, propôs-se também a recuperação dos equipamentos existentes no actual parque infantil e, ao mesmo tempo, a reutilização da guarda que se encontrava junto à margem do Tejo, adaptando-a para vedação do parque infantil.

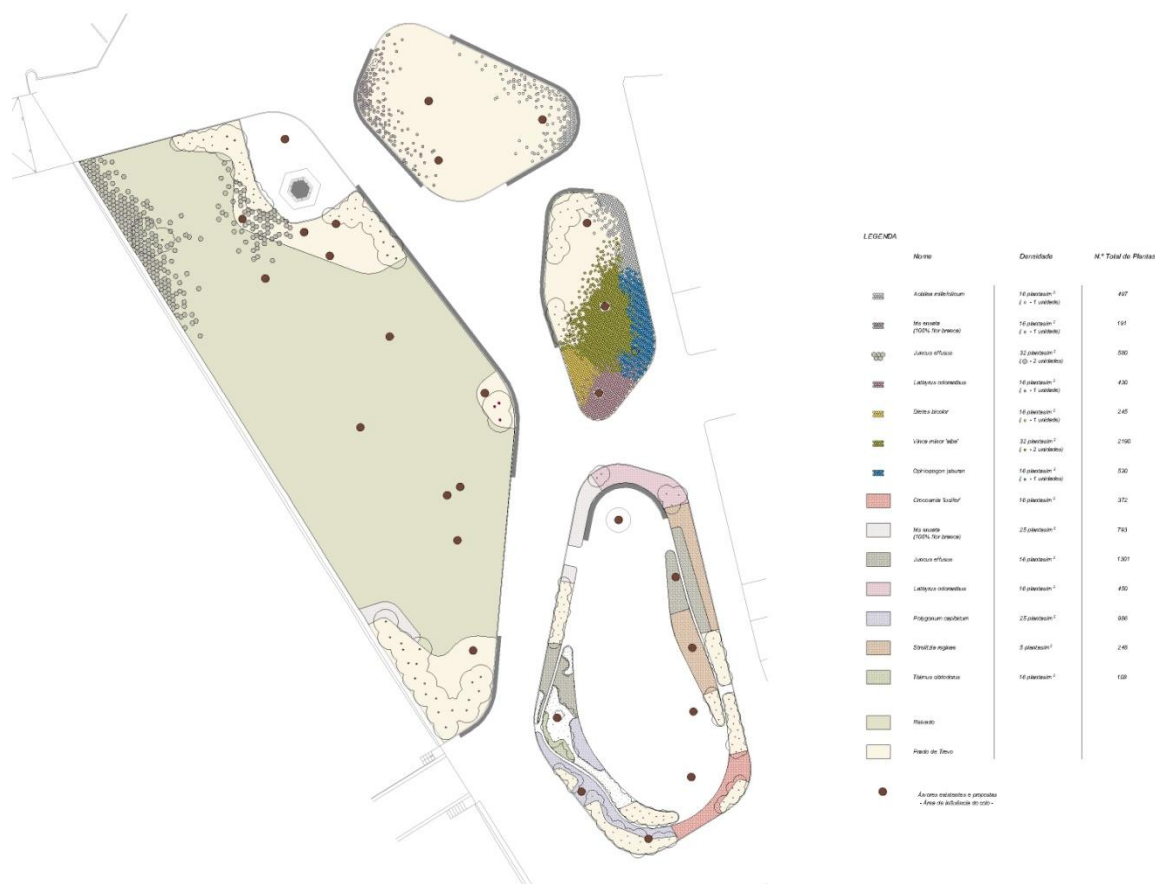


Fig. 25 – Plano de plantação (herbáceas) – zona do parque infantil

Com a proposta apresentada para o parque infantil procura-se estimular os sentidos e a criatividade das crianças, levando a que a utilização deste espaço vá além daquilo que os equipamentos infantis oferecem. Nesse sentido, a utilização da vegetação, tendo em conta as suas características naturais, como cor, textura, aroma, plasticidade e dimensões, permite ainda criar um “buffer” relativamente ao exterior, diluindo o impacto da vedação, orientando vistas, estimulando os sentidos e convidando à descoberta.

A nível da solução proposta para os pavimentos, a conjugação do pavimento sintético aborrachado *in situ* (EPDM) com a caixa de areia, assim como o seu desenho e disposição espacial, definindo uma “ilha” rodeada por vegetação, garante as condições de segurança necessárias, ao mesmo tempo que permite diferenciar as áreas de maior concentração de equipamentos das zonas de utilização mais livre, conseguindo também contrariar a homogeneidade e monotonia que geralmente resulta da aplicação deste tipo de pavimentos em parques infantis.

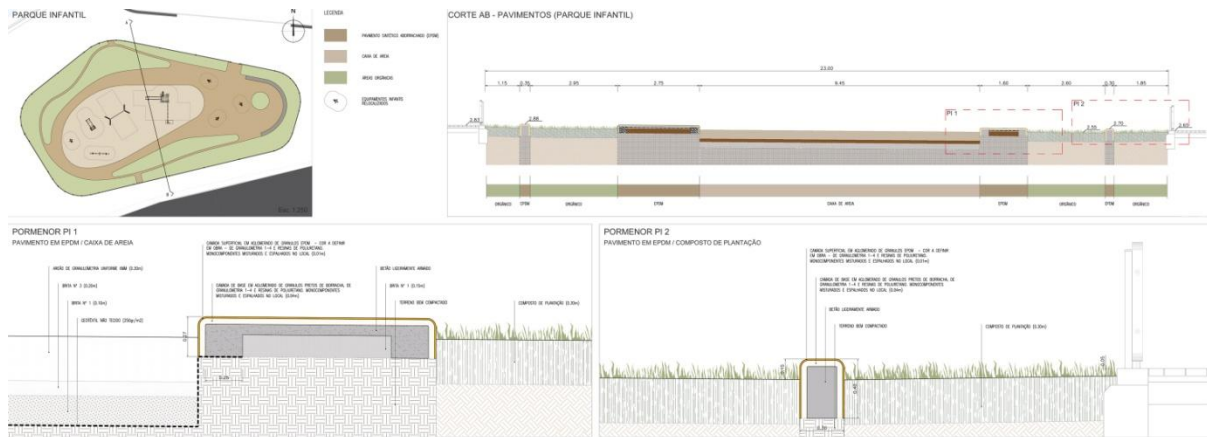


Fig. 26 – Pormenores construtivos do parque infantil

Tendo em conta as necessidades de conforto daqueles que acompanham os mais novos, propôs-se ainda um murete-banco, junta à magnólia existente, de modo a facultar alguma sombra logo desde o início do funcionamento do novo parque infantil.

Neste projecto de execução a minha colaboração esteve ligada tanto à concepção como à elaboração das peças desenhadas, desde a planta de trabalhos prévios ao plano de plantação, assim como a elaboração da memória descritiva e das medições e contagem da vegetação proposta que integrou o mapa de medições.

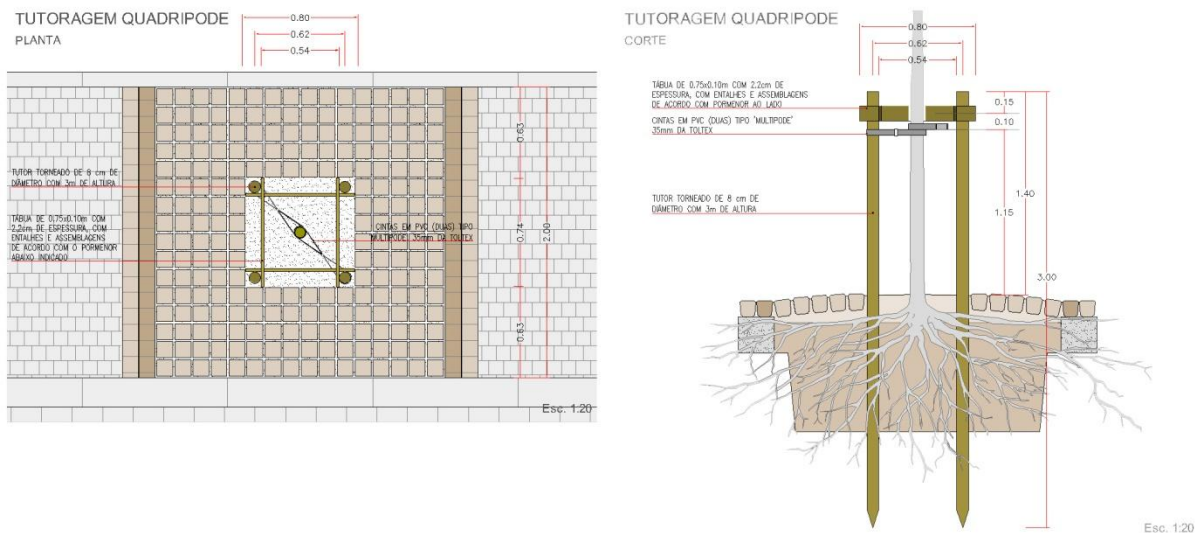


Fig. 27 – Pormenores relativos à tutoragem e caldeiras

2.6. PROPOSTA DE INTEGRAÇÃO PAISAGÍSTICA DOS PARQUES A NORTE DA BASÍLICA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DE FÁTIMA

Este projecto pretende dar resposta a uma solicitação da Direcção do Santuário de Nossa Senhora do Rosário de Fátima para apresentação de uma proposta de requalificação paisagística da área Norte do Santuário que inclui áreas de estacionamento de automóveis ligeiros e pesados de passageiros e parques de merendas, reconhecendo a própria direcção do Santuário que estes dois tipos de espaços, tal como existiam, não ofereciam as melhores condições para os peregrinos.

Deste modo, a proposta visa melhorar as condições oferecidas por estes parques aos peregrinos, nomeadamente no que diz respeito ao ensombramento e ao conforto dos parques de merendas.

No entanto, as intervenções deveriam preservar a actual entrada principal do parque de estacionamento e o maior número possível de árvores existentes. Preservar os exemplares arbóreos e arbustivos bem adaptados às condições das áreas de intervenção, com bom desenvolvimento e que apresentem boas condições fitossanitárias e cuja localização não inviabilize as soluções que visam cumprir os objectivos que se consideram fundamentais nas propostas é sempre uma ideia a considerar.

Assim, após uma visita ao local em que se efectuou o levantamento das espécies arbóreas, do mobiliário e dos pavimentos existentes e se procurou perceber como funcionava o espaço, quais as suas potencialidades e quais as suas maiores deficiências, avançou-se para a elaboração da proposta.

Um dos principais problemas identificados ao nível dos parques de estacionamento prendia-se com as árvores existentes para ensombramento - *Quercus ilex* – que, apesar de ser uma espécie autóctone, tem um crescimento demasiado lento para o fim a que se destinavam, tendo actualmente uma dimensão ainda muito reduzida. Além disso, a exígua dimensão das caldeiras em que estas se encontram implantadas dificulta ainda mais o seu crescimento. Como tal, propôs-se a transplantação das azinheiras para a faixa tampão que envolve os parques de estacionamento e os separa das ruas envolventes, onde a sua disposição em

maciço atenua o efeito do seu lento crescimento, e a sua substituição por freixos, redimensionando e unindo as caldeiras para dar origem a faixas plantadas que, sempre que possível, se alargam para canteiros nos topos, aumentando consideravelmente as áreas orgânicas no interior dos parques de estacionamento, assim como o volume de solo disponível para o crescimento da vegetação, contribuindo para a melhoria do conforto climático dessas áreas.

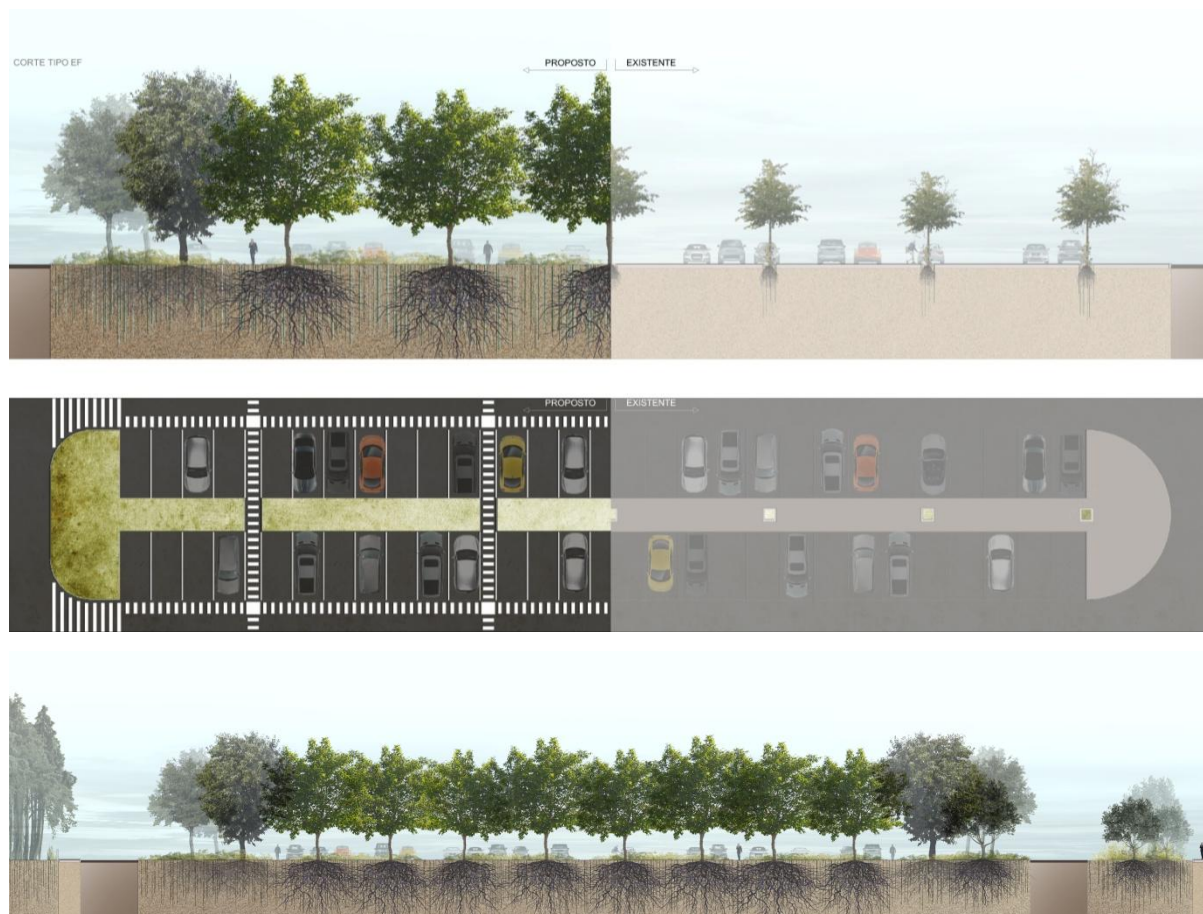


Fig. 28 – Esquema e corte relativo à solução proposta para os parques de estacionamento

Relativamente aos parques de merendas, os principais problemas identificados prendiam-se com uma insuficiência em área e a sua excessiva proximidade às áreas de circulação automóvel, às quais estavam directamente expostos. Na procura de solução para este problema, propôs-se que as áreas destinadas a esse fim fossem alargadas a dois espaços que actualmente se encontram sem qualquer utilização mas que, devido à inclinação do terreno, obrigavam a que a sua ocupação fosse efectuada em socalcos. Ao mesmo tempo propôs-se que as áreas já construídas fossem reorganizadas. Além disso, foi ainda aumentada a área total de arborização de modo a amenizar as temperaturas, aumentar a

humidade e fixar as poeiras com conseqüente melhoria da qualidade do ar e dar também uma escala mais humana ao espaço.



Fig. 29 – Corte relativo ao parque de merendas sudeste

Neste projecto a minha colaboração esteve ligada ao desenvolvimento de soluções para as faixas plantadas dos estacionamento e respectivo desenho, assim como na elaboração de cortes relativos ao parque de estacionamento, às propostas do parque de merendas a sudeste e respectivo desenho e corte, à proposta para a arborização e à colaboração na preparação dos painéis, tanto a nível de conteúdo, como a nível gráfico.



Fig. 30 – Plano Geral

2.7. PROPOSTA DE REQUALIFICAÇÃO URBANÍSTICA E VALORIZAÇÃO PAISAGÍSTICA DO LARGO DA SAUDADE EM VALE DO FORNO, ENVOLVENTE IMEDIATA E PARQUE INFANTIL, ODIVELAS

Esta proposta insere-se no âmbito de uma consulta efectuada junto de vários gabinetes de projecto, por parte da Câmara Municipal de Odivelas, tendo em vista a selecção de uma equipa para a prestação dos serviços relativos à concepção dos projectos de licenciamento e execução referentes às obras de requalificação urbanística e valorização paisagística do Largo da Saudade, sua envolvente imediata e parque infantil.

O trabalho iniciou-se com a consulta dos dados relativos à área de intervenção localizada no Vale do Forno, junto à CRIL, no concelho de Odivelas, seguida de uma visita ao local, onde se pôde constatar que o espaço público se encontrava bastante degradado, com algumas áreas desaproveitadas e deixadas ao abandono e sem que houvesse uma demarcação clara daquilo que seriam as áreas de circulação de veículos, as áreas de estacionamento e as zonas de circulação e estadia dos peões.



Fig. 31 – Fotografias recolhidas na visita à área de intervenção

De tudo isto resultava um tipo de ocupação em que o espaço público era visto e utilizado como um mero espaço canal e onde o estacionamento automóvel, sem qualquer tipo de organização, acabava por ditar que o Largo da Saudade fosse na prática um parque de estacionamento. Esta situação verificava-se também nas ruas que se ligavam a este largo, onde a presença dos veículos automóveis obrigava a que os peões tivessem que circular pelo mesmo espaço que os veículos.

A situação era ainda agravada pelo facto de o pavimento ter inúmeros desníveis, sem delimitação dos passeios, onde o betuminoso era o pavimento dominante. Todo este conjunto de condições precárias dava origem a enormes dificuldades de mobilidade das pessoas no espaço e não oferecia condições convidativas à sua utilização como espaço de encontro.

Já no que diz respeito à ribeira, que se aproxima do Largo da Saudade junto ao topo norte/noroeste, esta apresentava-se invadida por um canavial acompanhado de um coberto vegetal heterogéneo composto por espécies pouco características dos sistemas húmidos, alternando com troços totalmente despidos de vegetação.

Feito o diagnóstico, avançou-se para a elaboração de uma proposta com a qual se procurou tornar o espaço mais acessível a todos, facilitando a mobilidade entre todos os pontos da área de intervenção (o largo, o jardim/parque infantil e o passeio ao longo da ribeira) através das soluções adoptadas, quer ao nível dos pavimentos, quer a nível do desenho do espaço, eliminando o rebaixamento das vias e reorganizando o esquema de circulação viária e de estacionamento, tornando o espaço mais organizado e de leitura mais evidente.

Simultaneamente, pretendia-se criar as condições necessárias para que houvesse uma apropriação dos espaços pela população, promovendo a sua utilização como espaços de encontro para convívio, recreio e lazer.

Com este objectivo, propôs-se a recuperação da ribeira através do seu reperfilamento, subindo o seu perfil, uma vez que a sua bacia foi reduzida pelo desvio anterior de um afluente, e da substituição da vegetação que actualmente a revestia por outra melhor adaptada, composta maioritariamente por freixos, salgueiros e choupos, de modo a formar uma galeria ripícola, atribuindo a este espaço uma nova vida como passeio público.



Fig. 32 – Corte ilustrativo da solução proposta para a ribeira

Neste contexto, o parque infantil proposto e que é ao mesmo tempo um jardim, tira partido de um espaço que se encontrava deteriorado e sem qualquer utilização aparente, assumindo-se como um dos três espaços de encontro que, a par do passeio público ao longo da galeria ripícola e do renovado Largo da Saudade, funcionam como pólos de atracção.



Fig. 33 – Corte ilustrativo da solução proposta para o parque infantil/jardim e rua contígua

Uma vez que durante a fase de diagnóstico se tinha detectado que grande parte da área de intervenção apresentava um grau de permeabilidade bastante baixo, dado que se encontrava maioritariamente alcatroada, a solução desenvolvida visa ainda contrariar essa

situação, aumentado a percentagem de áreas com solo orgânico para a instalação de vegetação que introduzirá neste espaço a sombra e frescura de que este carece. Para melhor atingir esse objectivo, propôs-se a substituição do pavimento existente por outros de porosidade média a elevada que, promovendo a infiltração de água no solo, oferecem melhores condições de crescimento às plantas.

Tendo participado em todo o processo relativo a esta proposta, a minhas contribuições mais significativas prenderam-se com a fase de análise, com a proposta para a ribeira e respectiva arborização e estudo dos perfis, com a elaboração dos cortes relativos à solução a implementar, quer para a ribeira quer para a área do parque infantil, e no auxílio à finalização do plano geral.



Fig. 34 – Plano Geral

2.8. CONCURSO INTERNACIONAL PARA O PARQUE OLÍMPICO DO RIO DE JANEIRO (RIO 2016) – RIO DE JANEIRO, BRASIL

Este foi o último projecto em que participei no atelier NPK, durante o período de estágio, e que representa o trabalho de maior projecção e envergadura em que estive envolvido até hoje, pela sua dimensão, pela sua natureza complexa e multifacetada, pela sua localização e pelo desafio de uma competição internacional. E, à data em que elaboro este relatório, pela sensação extremamente gratificante de já se saber que o júri internacional lhe conferiu um honroso terceiro lugar entre aproximadamente 60 equipas que participaram a nível mundial.

O Parque Olímpico, que deverá ser implantado na Barra da Tijuca, no local onde actualmente se encontra o autódromo do Rio de Janeiro, junto à Lagoa de Jacarepaguá, ocupará uma área de aproximadamente 120 hectares.



Fig. 35 – Fotografia aérea com delimitação da área de intervenção a cores (fonte: Google Earth)

O projecto a elaborar para este concurso refere-se ao tratamento urbanístico e paisagístico da área onde serão construídos os estádios olímpicos e os estacionamento, durante a fase de jogos e a futura urbanização, que deverá ocupar parte desta área após a conclusão dos

jogos, assim como o projecto para todo o espaço público, incluindo a faixa de protecção para a zona de interface com a Lagoa de Jacarepaguá, prevista no programa do concurso.

Numa primeira fase foram efectuadas pesquisas para recolha de informação sobre os planos em vigor para a cidade do Rio de Janeiro, nomeadamente a nível de planeamento urbanístico, e identificaram-se as áreas de interesse ecológico e paisagístico com maior relevância nas imediações da área de intervenção, tais como parques e reservas naturais, morros, lagoas e principais linhas de água. Estudaram-se também as soluções urbanísticas adoptadas na envolvente, assim como os ecossistemas mais significativos nesta zona, tendo sido identificados três: mangal, restinga e mata atlântica.

Só após a conclusão deste trabalho de pesquisa se começaram a estudar e debater abordagens e soluções concretas de projecto, em colaboração com o atelier Risco, responsável pela coordenação geral, com o qual se concorreu em parceria.

Após um breve período de desenvolvimento e discussão de propostas, o prazo da entrega de propostas para o concurso internacional foi alargado em um mês, tendo este processo ficado em pausa, uma vez que existiam outros processos em andamento no atelier e que era necessário concluir. Assim, durante algumas semanas, as minhas atenções foram desviadas para a 2ª fase do concurso relativo ao Projecto de Requalificação Urbana e Paisagística da Quinta da Mina e Cidade do Sol, no Barreiro, e para a elaboração de um plano de acessibilidades relativo ao projecto, já entregue, da Escola Ferreira Dias no Cacém.

Este período de pausa acabou por se revelar benéfico para a maturação das ideias das equipas de ambos os ateliers e para a sua assimilação por parte daqueles directamente envolvidos no processo uma vez que, a princípio, as ideias de ambos não eram necessariamente as mesmas, acabando finalmente por se chegar a uma proposta que conjugava as ideias e visões das duas equipas.

Uma vez que o processo do concurso englobava dois projectos para a mesma área, correspondentes às duas fases do concurso (jogos e legado), procurou-se uma solução em que a passagem da fase de jogos à fase legado se fizesse de forma eficiente, desenhando um modelo de ocupação do espaço compatível com as duas fases, minimizando assim os

trabalhos inerentes à fase de transição e, conseqüentemente, reduzindo os custos económicos e ambientais daí resultantes.

Deste modo, foi definida uma base comum às duas fases onde se conjugou uma malha urbana modular com um conjunto de espaços públicos estruturantes – alamedas, ruas, praças e jardins – que se articulam com o parque ecológico proposto para as margens da Lagoa de Jacarepaguá, estabelecendo a estrutura ecológica essencial e assegurando a macro-drenagem pluvial. Esta estrutura ecológica essencial deverá ser implantada durante a preparação da fase de jogos.



Fig. 36 – Plano geral da “Fase de Jogos”

Assim, aquando da implantação do edificado urbano, correspondente à fase “legado”, para além de já se beneficiar da existência de uma malha urbana perfeitamente definida, onde as áreas de estacionamento da fase de Jogos, assim como alguns campos de jogos a desactivar, darão lugar aos quarteirões, toda a estrutura de espaços abertos se encontrará já implementada, o que reduzirá substancialmente o tempo de obra e permitirá simultaneamente usufruir, num prazo mais curto, de espaços abertos onde a vegetação se encontra numa fase de crescimento mais adiantada.



Fig. 37 – Plano geral da “Fase Legado”

Neste plano, os três grandes eixos que se materializam em extensas “alamedas” multifuncionais, para além do papel que desempenham em termos de assegurar a circulação principal e distribuição dos utentes pelo espaço, tanto de peões como de veículos, assumem uma função determinante na Estrutura Ecológica Essencial por constituírem corredores diversificados de vegetação dos vários estratos, ao mesmo tempo que asseguram a macro-drenagem pluvial. Estes eixos, destinados a suportar grande carga de utilização, serão revestidos com peças de betão pré-fabricadas que serão removidas na fase de “legado” aumentando a permeabilidade destes eixos.



Fig. 38 – Corte relativo aos grandes eixos multifuncionais que funcionam como corredores ecológicos

Dentro da malha urbana estes eixos constituem os corredores fundamentais da Estrutura Ecológica e que se articulam com o Parque Ecológico.

Na fase “legado” este Parque Ecológico deverá articular-se com uma pequena ilha a criar com o aproveitamento de parte do volume de terras sobrantes das escavações a efectuar aquando da construção do edificado. Com esta proposta procurou-se minimizar o transporte das terras sobrantes, conseguindo assim uma redução de custos ao mesmo tempo que se gerou um aumento da área de Parque Ecológico que, sob a forma de uma ilha, pode potenciar uma ambiência diferente e capaz de implementar uma maior biodiversidade.



Fig. 39 – Corte relativo ao Parque Ecológico e sua relação com a ilha proposta (com ampliação)

Em suma, com o plano desenvolvido para o Parque Olímpico do Rio de Janeiro procurou-se dar origem a um lugar onde os espaços edificados e os espaços abertos funcionam em simbiose, trazendo áreas de carácter mais naturalizado para o interior do tecido urbano e atraindo as pessoas para os espaços abertos, tanto para os de maior proximidade, como é o caso dos que surgem no interior dos quarteirões, como para os três grandes eixos que conduzem ao Parque Ecológico. Esta intervenção pretende promover a sustentabilidade ecológica e económica desta área, ao mesmo tempo que procura servir os interesses e o bem-estar físico e mental daqueles que a venham a visitar ou a habitar.

Neste processo a minha colaboração começou por estar ligada à fase de recolha de dados relativos à cidade do Rio de Janeiro, desde informações respeitantes aos transportes, aos parques e reservas ecológicas na proximidade da área de intervenção, à vegetação e às áreas urbanas envolventes e ainda na pesquisa de informações referentes aos parques olímpicos que acolheram edições anteriores dos Jogos Olímpicos.

Concluída essa fase, participei no desenvolvimento da proposta apresentada a concurso, com o estudo dos perfis dos três grandes eixos que ligam o interior do tecido urbano ao Parque Ecológico e da relação desses corredores ecológicos com o edificado, com a arborização do núcleo urbano e da ilha e com o estudo dos perfis do Parque Ecológico, de forma a compreender que tipos de utilização este poderia receber e de que modo se poderia fazer a transição entre o ecossistema de mangal, que se pretendia recuperar junto às margens da Lagoa de Jacarepaguá, e o meio urbano. No que diz respeito às peças desenhadas, desenvolvi os cortes que integraram os painéis, colaborei no plano geral, na montagem final da planta de enquadramento e na composição das duas perspectivas, respeitantes às duas fases deste plano, no que se refere ao projecto de Arquitectura Paisagista.



Fig. 40 – Planta de enquadramento com inclusão da proposta (“Fase Legado”)



Fig. 41 – Perspectiva da “Fase de Jogos”



Fig. 42 – Perspectiva da “Fase Legado”

Em concursos desta projecção e escala, para além da criatividade, competência e capacidade técnica, currículo e experiência das equipas, assim como a sua capacidade de justificar todas as opções tomadas, o factor “imagem” ganha uma preponderância cada vez maior, ao mesmo tempo que a concorrência é também cada vez maior.

Este conjunto de circunstâncias tornou este processo em algo extremamente interessante e estimulante, obrigando-nos a ser cada vez mais criativos, a procurar novas soluções e abordagens de projecto, a aprender novas técnicas de trabalho, construção e visualização e conceptualmente originando espaços inovadores e mais sustentáveis que melhor sirvam as comunidades a que se destinam.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sendo a área do projecto de arquitectura paisagista uma das principais, senão a principal competência do Arquitecto Paisagista, um dos seus maiores desafios e aspirações é a elaboração de propostas para espaços abertos, consubstanciadas em projectos que se deseja ver depois implementados no terreno.

Assim, a experiência profissional é um complemento indispensável à formação académica. Procurar aplicar os conceitos e técnicas à realidade da profissão, passar do exercício académico ao projecto profissional, que não sendo um passar da utopia à realidade é antes um “pôr os pés na terra”, contactar com as realidades e condicionantes mais diversas, dialogar em equipas pluridisciplinares, dispor de argumentos que consigam fazer conciliar os nossos pontos de vista com os dos demais envolvidos, tentar pôr os princípios e conceitos da Arquitectura Paisagista, a nossa “utopia”, ao serviço do bem-estar físico e espiritual das comunidades, valorizando os espaços do seu quotidiano sob o ponto de vista funcional, estético, ecológico, cultural e de conforto climático é o desafio multifacetado que se nos impõe.

Nesta perspectiva, o período de prática profissional que deu origem a este relatório revelou-se de uma importância fundamental. O contacto com a dinâmica de um atelier de arquitectura paisagista, a integração numa equipa profissional no sentido mais profundo do termo, a participação numa enorme variedade de projectos com escalas, contextos e objectivos dos mais diversificados, o desafio e motivação ainda mais acrescida da participação em concursos internacionais, as responsabilidades crescentes que me foram sendo atribuídas, a discussão de ideias com os responsáveis dos projectos e os outros membros da equipa, num contexto extremamente enriquecedor, a satisfação de sentir que estava à altura de conseguir dar resposta ao que me era pedido, representaram uma experiência pela qual me sinto muito grato.

Embora no contexto nacional e até no internacional não se perspective um abundante mercado de trabalho para a nossa profissão, como aliás para muitas outras, fruto da retracção económica que desfavorece o investimento público e privado, com redução considerável de concursos públicos e também de projectos a nível particular, ainda assim, penso que a arquitectura paisagista é uma formação que sempre terá um papel importante a desempenhar na sociedade

Estas circunstâncias algo negativas, que se espera que sejam passageiras, são também um desafio que se nos põe e que, se gostarmos do que fazemos, as dificuldades não devem ler-se como um entrave, mas antes como um estímulo que nos leve a empenharmo-nos no sentido da valorização e afirmação da profissão

Como reflexão final fica-me a sensação gratificante de ter percorrido um caminho de aprendizagem, tanto na componente académica como na prática profissional, a qual procurei iniciar ainda antes do período de estágio, que me pode conduzir ao exercício de uma profissão que desde muito cedo me despertou interesse. Uma aprendizagem que não se esgota quando termina este ciclo de estudos, mas que se percebe deva ser um processo contínuo que vá fundamentando, com constante actualização dos conceitos e das ideias, das técnicas e dos materiais, o desempenho profissional do arquitecto paisagista.

Não posso deixar de salientar o papel marcante que teve o lugar onde me foi dada a oportunidade de fazer a transição da componente académica para a prática profissional, integrando uma equipa sólida, coesa, dialogante, competente, participando numa multiplicidade de projectos que me deram uma perspectiva abrangente e estimulante da profissão. Colaborando numa equipa onde cada um assumia com entusiasmo o desafio de corresponder às expectativas das tarefas que lhe eram atribuídas pelos coordenadores do atelier e, sendo o mais jovem da equipa, tanto em idade como em experiência, todas essas sensações foram vividas com uma ênfase acrescida.

4. BIBLIOGRAFIA

AMIDON, J., 2005. Moving Horizons. The Landscape Architecture of Kathryn Gustafson and Partners. Birkäuser, Basel.

ARNOLD, H. F., 1980. Trees in Urban Design. Van Nostrand Reinhold Company, New York.

BAUMEISTER, N. (ed.), 2007. New Landscape Architecture. Verlagshaus Braun, Berlin.

BECKER, M., PICARD, J.-F., TIMBAL, J., 1982. Larousse des Arbres, des Arbustes et des Arbrisseaux de l'Europe Occidentale. Librairie Larousse, Paris.

BRADLEY-HOLE, A., 2001. El Jardín Minimalista. Ediciones Gamma, Barcelona.

BRICKELL, C., 1994. The Royal Horticultural Society Gardener's Encyclopedia of Plants and Flowers. Dorling Kindersley, London.

Bund Deutschlandschaftsarchitekten BDLA (eds.), 2007. Zeitgenössische Deutsche Landschaftsarchitektur Übergänge. Insight Out Contemporary German Landscape Architecture. Birkäuser, Basel.

CHEMETOFF, A., 1997. Le Jardin des Bambous au Parc de la Villette; Hazan/Parc de la Villette, Paris.

DEL ÁLAMO, M. R., 2005. Design for Fun –Playgrounds. Links Internacional, Barcelona.

DIEDRICH, L. (ed.) e Bava, H., Hoessler, M.,Philippe, O. (Agence Ter), 2009. Territories. From Landscape to City. Birkäuser/Verlag, Basel.

DRÉNON, C., 2006. Les Racines – Face cachée des Abres. Institut pour le Développement Forestier, Paris.

FENÉ, A., SAKAMOTO, T., KUBO, M. (eds.) and MOUSSAVI, F., ZOERA-POLO, A. (FOA -Foreign Office Architects), 2002. The Yokoama Project – Foreign Office Architects.Actar, Barcelona.

KELLY, J., 1995. The Hillier Gardener's Guide to Trees and Shrubs. David Charles Ed., Great-Britain.

KIENAST, D., KIENAST, V., 2000. Aussenräume, Open Spaces. Birkäuser, Basel.

LAE – Landscape Architecture Europe Foundation (eds.), 2006. Landscape Architecture Europe. Fieldwork. Birkäuser/ LAE Foundation, Basel.

MAILLIET, L., BOURGERY, C., 2003. L'Arboriculture Urbaine. Collection Mission Paysage, Institut pour le Développement Forestier, Paris.

NORBERG-SCHULTZ, C., 1981. Genius Loci – Paysage, Ambiance, Architecture. Pierre Magada Éditeur, Bruxels.

TELES, P. et als, 2009. Acessibilidade e Mobilidade para Todos – Apontamentos para uma interpretação do DL 163/2006 de 8 de Agosto. PAIPDI, Porto.

TENORIO, M., JUARISTI, C., OLLERO, H., 1998. Los Bosques Ibéricos. Una Interpretación Geobotánica. Geoplaneta, Barcelona

ZWEGER, K. 2000. Wood and Wood Joints (1) – Building Traditions of Europe and Japan. Birkäuser, Berlin.

ÍNDICE DE FIGURAS

2.1. Centro de Saúde da Madalena, Ilha do Pico

Fig. 1 – Plano Geral da proposta apresentada a concurso	10
Fig. 2 – Solução desenvolvida para o pátio central.....	12
Fig. 3 – Solução desenvolvida para os dois pátios do refeitório.....	12
Fig. 4 – Cortes relativos às soluções desenvolvidas para os pátios interiores.....	13

2.2. Sky Business e Sky Residence II - Luanda, Angola

Fig. 5 – Fotografia aérea com a localização do complexo “Sky Residence II e Sky Business” assinalada a vermelho	14
Fig. 6 – Plano geral	15
Fig. 7 – Corte transversal e corte longitudinal	16
Figs. 8 e 9 – Corte relativo à área destinada à prática de actividades desportivas e pormenor construtivo dos biombos aí propostos	17
Fig. 10 – Modelo conceptual de uma das soluções adoptadas na área de recreio infantil.....	17
Fig. 11 – Pormenor construtivo do banco com floreiras em madeira proposto para o limite sudeste	18

2.3. Quinta da Mina e Cidade do Sol, Barreiro

Fig. 12 – Corte relativo à solução proposta para a zona do parque urbano, bacia de retenção de água e aldeia columbófila	19
Figs. 13 e 14 – Cortes relativos ao reperfilamento de um arruamento e à solução proposta para a praça central	21
Fig. 15 – Plano geral da proposta apresentada a concurso	22

2.4. Laboratório Nacional de Investigação Veterinária - Quinta do Marquês, Oeiras

Fig. 16 – Fotografia aérea com delimitação do local de intervenção (fonte: Bing Maps)	23
Fig. 17 – Plano Geral apresentado no Projecto Base	24
Fig. 18 – Sistematização de revestimentos orgânicos	25
Fig. 19 – Pormenores construtivos dos muros do parque de estacionamento.....	25
Fig. 20 – Exemplos de soluções ensaiadas para o jardim de cobertura	27
Fig. 21 – Pormenor construtivo dos módulos em betão pré-fabricado a aplicar no jardim de cobertura	28
Fig. 22 – Maquete entregue no Projecto Base	28

2.5. Passeio Ribeirinho do Seixal

Fig. 23 – Fotografia aérea com delimitação da área de intervenção a cores (fonte: Google Earth)	29
Fig. 24 – Plano de plantação (arbustos), zona junto à Avenida 1º de Maio	30
Fig. 25 – Plano de plantação (herbáceas) – zona do parque infantil.....	31
Fig. 26 – Pormenores construtivos do parque infantil.....	32
Fig. 27 – Pormenores relativos à tutoragem e caldeiras	32

2.6. Parques a Norte da Basílica de Nossa Senhora do Rosário de Fátima

Fig. 28 – Esquema e corte relativo à solução proposta para os parques de estacionamento	34
Fig. 29 – Corte relativo ao parque de merendas sudeste	35
Fig. 30 – Plano Geral	35

2.7. Vale do Forno, Odivelas

Fig. 31 – Fotografias recolhidas na visita à área de intervenção	36
Fig. 32 – Corte ilustrativo da solução proposta para a ribeira	38
Fig. 33 – Corte ilustrativo da solução proposta para o parque infantil/jardim e rua contígua	38
Fig. 34 – Plano Geral	39

2.8. Parque Olímpico do Rio de Janeiro (Rio 2016), Brasil

Fig. 35 – Fotografia aérea com delimitação da área de intervenção a cores (fonte: Google Earth)	40
Fig. 36 – Plano geral da “Fase de Jogos”	42
Fig. 37 – Plano geral da “Fase Legado”	43
Fig. 38 – Corte relativo aos grandes eixos multifuncionais que funcionam como corredores ecológicos.....	43
Fig. 39 – Corte relativo ao Parque Ecológico e sua relação com a ilha proposta (com ampliação)	44
Fig. 40 – Planta de enquadramento com inclusão da proposta (fase legado)	45
Fig. 41 – Perspectiva da “Fase de Jogos”	46
Fig. 42 – Perspectiva da “Fase Legado”	46

CRÉDITOS DE IMAGENS

Excepto as figuras 16, 23 e 35, cuja fonte é indicada junto das mesmas, todas as figuras apresentadas neste documento são da autoria da equipa do atelier NPK, Arquitectos Paisagistas Associados e, onde aplicável, resultam de colaborações com os ateliers Risco, SA. e João Lúcio Lopes Arquitectos, Lda..